



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES E TECNOLOGIAS

Izauro Henrique Fairbancks de Souza

**O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
NO ENSINO MÉDIO**

Recife

2019

Izauro Henrique Fairbancks de Souza

**O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes e Tecnologias.

Orientador: Prof. Ms. Felipe Brito de Lima

Recife
2019

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover o uso de dispositivos móveis no ensino de arte contemporânea para o ensino médio e demonstrar sua importância dentro deste processo. Ele demonstra o quanto a sociedade de um modo geral tem preconceito pela arte contemporânea e pelo uso desses dispositivos pelos próprios docentes e discentes em sala de aula. O trabalho também aborda de forma breve a linha do tempo da arte-educação brasileira, passando por diversas fases e relacionando a fatos importantes ligados a política do país e as principais personalidades responsáveis por mudanças metodológicas educacionais do ensino da arte. A abordagem teve como base o apanhado histórico da arte educação brasileira e principalmente as entrevistas semi-estruturadas feitas com professores de arte em locais situados na Região Metropolitana do Recife, onde foi possível identificar perfis de docentes, discentes e escolas para realizar a análise de problemas e saber que os dispositivos móveis juntamente a metodologias específicas como a abordagem triangular da Professora Ana Mae Barbosa, podem potencializar o processo de ensino-aprendizagem na arte-educação.

Palavras-chave: Educação. Arte contemporânea. Abordagem triangular. Dispositivos móveis. Tecnologia.

ABSTRACT

This work aims to promote the use of mobile devices in teaching contemporary art to high school and demonstrate its importance within this process. It shows how much society is generally prejudiced by contemporary art and the use of these devices by teachers and students in the classroom. The work also briefly discusses the timeline of Brazilian art education, going through several phases and relating important facts related to the country's politics and the main personalities responsible for educational methodological changes in art education. The approach was based on the historical record of Brazilian art education and especially the semi-structured interviews with art teachers in places located in the Metropolitan Region of Recife, where it was possible to identify profiles of teachers, students and schools to carry out the analysis of problems and to know that mobile devices along with specific methodologies such as the triangular approach of Professor Ana Mae Barbosa, can potentiate the teaching-learning process in art-education.

Keywords: Education. Contemporary art. Triangular approach. Mobile devices. Technology.

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 OBJETIVOS	7
1.1.1 Objetivo geral	7
1.1.2 Objetivos específicos	7
2 O ENSINO DE ARTE E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS	8
2.1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES	8
2.2 A INSERÇÃO DOS ESTUDOS DE ARTES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	9
2.3 A EVOLUÇÃO DO ENSINO DE ARTES	10
2.4 A INSERÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO	13
2.5 O USO DE MEIOS TECNOLÓGICOS NA ARTE EDUCAÇÃO	15
2.6 O ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA NO ENSINO MÉDIO E SEUS DESAFIOS	16
2.7 OTIMIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS	18
2.8 DESAFIOS DA INSERÇÃO DE MEIOS TECNOLÓGICOS NA ARTE EDUCAÇÃO	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
3.1 TIPO DE PESQUISA	22
3.2 ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	22
3.3 PERFIL DOS PARTICIPANTES	23
3.4 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	23
3.5 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1 PERFIL DOCENTE E SUAS RELAÇÕES COM A ARTE CONTEMPORÂNEA	25
4.2 TECNOLOGIA APLICADA À ARTE-EDUCAÇÃO	28
4.3 ESTRUTURA E METODOLOGIA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A	39

1 INTRODUÇÃO

Quando a história da arte é ensinada nas escolas em sua linha cronológica, os alunos começam os estudos, em sua maioria, pelas formas características da arte rupestre. É ensinado aos alunos que os desenhos encontrados em cavernas tinham o objetivo de retratar cenas cotidianas e ritualísticas. Nos movimentos que se seguem ao longo da cronologia da arte, percebemos o avanço das técnicas e dos estilos, como as formas trabalhadas em bronze, pedras preciosas e em diversos outros materiais utilizados nas civilizações antigas, como Grécia, Roma, Egito, Mesopotâmia entre outros. Estudamos também a perfeição da forma alcançada pelos mestres da Renascença como Leonardo da Vinci e Michelangelo, entre tantos outros artistas que nos séculos que se seguiram trabalharam para alcançar a excelência na representação mais fiel possível das formas humanas e nas maravilhas e tragédias presentes na natureza.

Todos os movimentos artísticos anteriores ao século XX tentavam representar ou retratar algo próximo a realidade humana, mesmo nas imagens antropomórficas onde se apresentam seres metade homem e metade animal há uma compreensão geral de que aquela imagem representa algo que não existe, mas que faz parte da mitologia local, porém quando chegamos ao momento histórico em que as artes se voltam para representar as emoções, sentimentos e impressões humanas da realidade percebe-se a dificuldade que o grande público teve de aceitar a nova arte que surgia. Os principais artistas pertencentes a arte moderna, que hoje possuem quadros que valem fortunas, tiveram suas primeiras obras rejeitadas em exposições ou despertaram revolta aos críticos e apreciadores da época. Hoje quadros de Van Gogh, Matisse, Picasso entre outros, são ícones que caracterizam uma época e apresentou ao mundo a capacidade do artista de pintar para além do real.

Quando falamos de arte contemporânea, assim como a maioria dos outros movimentos não possui um momento exato com data hora que determinam seu início. Segundo Archen (2008) foi na efervescência das discussões filosóficas e culturais das décadas de 60 e 70 que favoreceram o surgimento de uma arte pós-moderna. A arte contemporânea nem sempre é de fácil compreensão, pois não costuma entregar um trabalho para a pura e simples apreciação, exigindo, em sua maioria, um conhecimento prévio do apreciador ou algum tipo de interação que nem sempre o público está disposto a dar.

Na atualidade a arte contemporânea carrega conceitos e preconceitos, muitas vezes questionados por pessoas cuja o único envolvimento com a arte é da forma mais rasa possível ou quase nula. Tendo em vista toda uma discussão envolvendo a arte contemporânea, seus artistas, questionamentos e abordagens utilizadas é de se imaginar que não seja um tema fácil de ser abordado nas escolas, principalmente quando os modelos rígidos da educação tradicional ainda se encontram presente no ambiente escolar.

1.1 OBJETIVOS

Com base nessas reflexões, são estabelecidos os objetivos deste trabalho.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar contribuições dos dispositivos móveis para o processo de ensino-aprendizagem da arte contemporânea nas salas de aula do ensino médio.

1.1.2 Objetivos específicos

Discutir o papel dos dispositivos móveis como ferramentas educacionais na educação básica e sua inserção nas aulas de Artes.

Investigar percepções docentes acerca do uso de dispositivos móveis no ensino de arte contemporânea.

2 O ENSINO DE ARTE E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

Neste trabalho foram utilizadas produções de Barbosa (2011), Ferraz e Fuzari (2003), Mignone (1980) e Osinski (2002) dentre outros autores que abordam a história do ensino de arte desde antes da missão artística francesa, com o ensino dos jesuítas, até os dias atuais com a abordagem triangular, passando por uma diversidade de metodologias e momentos político-sociais ao longo desta trajetória. Essa abordagem nos faz compreender os processos de mudanças da arte educação, os colocando em paralelo ao atual momento em que utilizamos tecnologia em vários campos da vida humana, inclusive na educação.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES

O ensino da arte na educação tem como objetivo desenvolver o senso crítico e estimular as habilidades criativas e a sensibilidade do indivíduo. Por isso ela é aplicada desde o início da vida escolar, pois auxilia de grande forma no desempenho intelectual do discente. É através dela que se começa a desenvolver pontos importantes, como as capacidades de interação, de autoconhecimento, imaginação, criação e compreensão. Essa influência é notável desde as antigas civilizações como um fator importante de humanização. “Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reinterpreta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário...” (MARTINS, M. et al, 1998, p.57).

O momento de ensinar a Arte é mais do que um momento lúdico, de entretenimento ou de invenções, pois em seu conteúdo ela oferece condições propícias para a compreensão do contexto histórico em que estamos inclusos, fazendo compreender, e por consequência ter consciência da realidade atual. O estudo da arte liberta pois não condiciona e não deixa alienados ou fetichizados, ao contrário: promove autonomia, põe em frente à realidade e formando cidadãos com capacidade de intervir na sociedade em busca de condições justas e igualitárias.

No processo de ensino artístico estão envolvidos diferentes tipos de conhecimentos, que por sua vez promovem a criação de significações e exercitam a capacidade de transformação do discente. Trabalhar a arte que promova e exercite essas habilidades, faz com que seja possível contextualizar a época em que se vive com as demais, e promover reflexões.

Ela também consegue fazer com que os alunos, não apenas criem produtos artísticos, mas que também façam-lhes apreciações, exames e avaliações, e que compreendam o quão é importante esse processo para a sua existência. Oferecer esse ensino resulta em formar cidadãos conhecedores da história humana.

Seja através da leitura das palavras ou da leitura visual, a arte promove um enriquecimento humano semelhante ao de uma viagem, pois oferece uma visão plural e rica do mundo. É o modo de expressão mais alto e significativo de autoconsciência da humanidade, como diz Luckaz (apud FREDERICO, 2013). Por isto deve fazer parte da grade curricular, a fim de que se desenvolva cidadãos com uma visão analítica e crítica da história humana.

2.2 A INSERÇÃO DOS ESTUDOS DE ARTES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O Brasil tem sua experiência educacional trazida da Europa através dos Jesuítas, e o processo teve como única meta a evangelização. A metodologia buscava apresentar um formato que prendesse a atenção daqueles homens, na maioria indígenas, homens livres e não praticantes de trabalhos intelectuais. Utilizavam a música, poesia e dramatização para impressioná-los. (MIGNONE, 1980). Os europeus realizaram suas inserções com maior ênfase na literatura e com menos intensidade nas belas artes. Ficou explícito então a repulsa pela cultura indígena e seus apitos, pinturas, ritmos e dança. “Assustaram-se com os cantos, danças e instrumentos de percussão feitos pelos índios e resolveram ensinar-lhes o Cantochão e outros cantos religiosos.” (MIGNONE. 1980. p.4)

Com isso, houve uma destruição das manifestações culturais indígenas, em favor da evangelização ou para tomada de mão de obra escrava. Conforme Barbosa, (2002) os jesuítas consideravam as atividades manuais executadas pelos indígenas semelhantes à escravidão, e que estavam num patamar inferior às atividades de ordem literária. Isso afetou fortemente o ensino de artes no Brasil e devido a isto, todos os trabalhos manuais eram vistos com forte preconceito, inclusive nas escolas de homens livres. Este modelo de ensino, juntamente ao preconceito as atividades manuais e as artes plásticas prejudicaram o avanço da arte e da arte educação por consequência, e continuou mesmo após 1759, quando os jesuítas foram expulsos.

Dentro de uma perspectiva histórica, a arte não teve o seu devido reconhecimento institucional, e é possível verificar isto devido a forma como foi produzida e introduzida desde o início. O percurso deste reconhecimento é longo e se deve às diversas metodologias utilizadas durante todo o tempo em que o ensino de arte educação está em atividade no país. Numa grande parte deste tempo, não houve o devido cuidado com tais metodologias, nem sequer respeito a arte indígena. Houve imposição religiosa por parte dos jesuítas e com isso, durante muito tempo se negou a existência de uma arte genuinamente nacional. Um bom exemplo está na imposição do neoclássico sobre o Barroco no século XIX. Apenas no princípio do século XX, houve um despertar com relação ao ensino de arte, porém resumido ao ensino do desenho, com viés tecnicista e longe de uma experiência artística. (BRASIL, 2000, p. 25).

2.3 A EVOLUÇÃO DO ENSINO DE ARTES

No final do século XVIII, na Europa, o neoclassicismo já era considerado como o principal estilo artístico, mais importante e influente até que o Barroco e o Rococó. Seguindo a ideologia de J. Winckelmann, principal mentor deste movimento, criava a primeira concepção de ensino de arte que mais adiante chegaria no Brasil com a Missão artística Francesa. Winckelmann era um grande apreciador da arte grega e a considerava perfeita. “Mesmo que a imitação da natureza pudesse dar tudo ao artista, escreve Winckelmann, certamente não lhe daria a exatidão do contorno, que só os gregos sabem ensinar” (VIEIRA apud SOUZA, 1981, p.19).

No início do século XIX, a Missão Artística Francesa chega ao Brasil com o intuito de modernizar os padrões de arte tendo como referência os moldes europeus, e com isso trouxe diversos artistas Franceses para que transição ocorresse na produção artística brasileira que até então era considerada ultrapassada por se embasar no Barroco e no Rococó. Foi criada então em 1816 na cidade do Rio de Janeiro, a Escola Real de ciências, Artes e Ofícios, um marco na história da arte educação brasileira.

A Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios que tinha a direção de Lebreton, tinha o intuito de formar dentre outros, artistas genuinamente Brasileiros e não admitia quaisquer pesquisas fora de suas crenças doutrinárias. (SOUZA, 1981, p.51). Tudo deveria seguir criteriosamente um conjunto de normas para que fosse denominado arte, inclusive toda a

população tinha que considerar arte se fosse passado pelos crivos da Escola. Um dos processos de mudança de nome ainda ocorreu em 1820 e passou a se chamar Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura e em seguida Academia de Artes. Mais uma nova mudança ocorreu em 1926, quando passou a se chamar Academia Imperial de Belas Artes. Logo depois da proclamação da república, passou a se chamar definitivamente Escola Nacional de Belas Artes. (BARBOSA, 2009, p. 17)

Sobre as imposições da Academia, ela seguia o mesmo padrão de qualquer academia implantada na Europa na mesma época: ditava regras para normatizar qualquer problema de natureza estética. “Suas opiniões sobre a estética eram acatadas e respeitadas pela população em geral, dando ao artista que a ela se submetia o aval da qualidade de seu trabalho” (HAUSER, 1994 apud OSINSKI, 2002, p.370).

Ainda no mesmo século, criam-se expectativas com relação à educação. Com o crescimento urbano e industrial acelerado na Europa, o mercado buscava profissionais cada vez mais bem capacitados. O romantismo combatia a racionalidade e valorizava os sentimentos e a expressão pessoal dos artistas, enquanto na vida comum, a técnica prosperava juntamente a chegada de novos materiais frutos da tecnologia e a produção em série de objetos que aportavam no mercado sem quaisquer reflexão estética. (OSINSKI, 2002, p.44-45). A consciência de uma necessidade de mudança de tecnologia aumentava mais, devido as exposições de Londres e Filadélfia, onde foi notado o quanto seria importante dar maior ênfase ao desenho geométrico e de cópia dentro do ensino de Artes, inclusive nas escolas primárias onde as crianças estavam em fase de início de instrumentalização.

Em 1932 é lançada uma nova proposta chamada Escola Nova, nela se projeta uma escola laica e pública, que combata as diferenças sociais. O documento foi assinado por Cecília Meirelles, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, sendo este último o principal mentor deste movimento. Naquele momento a escola se voltava novas ideologias da educação como a do Victor Lowenfeld. Os modelos tradicionais foram abandonados, pondo em prática a livre expressão como novo método de ensino da arte, imprimindo menos rigidez que o modelo tradicional.

Segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 47) “a preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental e psicológica”. O escolanovismo era voltado às ideias da

psicologia e ao desenvolvimento da expressão do discente. Essa metodologia foi influenciada pelos teóricos Herbert Read, Viktor Lowenfeld e John Dewey, e também era totalmente contrária a pedagogia tradicional daquela época. Houve influência também do Modernismo, devido a defesa da livre expressão artística adotada pelos arte-educadores da época, que acreditavam que a mesma seria um grande elemento de formação artística e estética.

Em 20 de dezembro de 1961, houve mudanças no currículo na Lei de Diretrizes e Bases em relação ao ensino de artes. A partir de então, conforme (Ferraz e Fusari. 2009, p. 50) “a arte deixa de ser compreendida como um campo preferencial de saberes sistematizado e, como as demais, tornam-se uma prática para aprimorar a personalidade e hábitos adolescentes” Dez anos após, a lei 5692/71 integra à LDB (BRASIL, 1971). O ensino de artes passa a se chamar “Educação artística” e se torna obrigatório nos primeiros e segundos graus. A disciplinas de desenho, artes cênicas, artes plásticas e música são definitivamente excluídas.

Longe das Universidades, havia um movimento bastante ativo chamado Escolinhas de Arte, que tentava desenvolver através do ensino de artes, a autoexpressão de crianças e adolescentes. Até o ano de 1971 o movimento estava instalado no país com aproximadamente 32 escolas, tendo a maioria particular, oferecendo o ensino de arte para jovens e adolescentes e cursos de arte-educação para artistas e professores. Porém, a lei federal que tornou o ensino de artes obrigatório não considerou que os artistas preparados pelas Escolinhas de Artes pudessem dar aulas a partir da 5ª série, pois a partir de então era exigido formação superior. Sendo assim, o governo federal criou o curso universitário de Arte Educação em 1973, compreendendo um currículo básico que pode ser aplicado em todo o Brasil.

Devido às mudanças de contexto educacional, surgiram problemas devido a estrutura organizacional nas faculdades. Muitas delas não dispunham de cursos específicos e estrutura física, resultando em professores que não possuíam experiência, preparo e domínio para todas as linguagens artísticas exigidas no ensino da arte.

Partindo de meados dos anos de 1970, o ensino tecnicista surge unido o escolanovismo e a educação tradicional, onde o professor é responsável pelo seu planejamento e que deve ter competência e incluir elementos curriculares essenciais como: objetivos, conteúdos estratégias e avaliações. O processo dinâmico de ensino e aprendizagem não era questionado, pois o elemento principal desse esquema era o sistema técnico em que se organizava a aula e do curso. Nessa nova metodologia, o ensino de artes era voltado ao

mecanicismo com base técnica. Conforme Pessi (1994, p.27), a Pedagogia Tecnicista tinha como propostas metodológicas “a cópia, desenho geométrico, educação através da arte e livre expressão”

Com a escassez de bases teóricas, os arte educadores contavam apenas com os materiais didáticos como ferramenta única deste processo e essa fragilidade resultou num ensino inadequado e insuficiente de artes.

Surgem professores e pesquisadores do ensino de artes a partir da década de 1980, formando novos conceitos sobre arte educação. Discutiam e buscavam um ensino de artes valorizado e obrigatório, e após anos de ações em congressos nacionais e internacionais conseguiram incluir o ensino de Arte nos currículos das escolas e na LDB da educação nacional em 1996, a Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996). A partir de então surgem novas abordagens pedagógicas e com ela a Abordagem triangular da Professora Ana Mae Barbosa que foi desenvolvida com uma série de apropriações, estudos e vivências no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Em processo evolutivo, a arte-educação mudou bastante com a inserção de recursos tecnológicos nas escolas brasileiras. O ponto forte dessa mudança se deve a facilidade com que os discentes absorvem informações através do estímulo das novas tecnologias, associado às metodologias dos seus docentes. Esse processo ainda se mostra novo para alguns docentes, geralmente mais experientes e com mais idade, porém quase sempre eficaz aos que dominam as novas tecnologias em prol da educação.

2.4 A INSERÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO

O modo de estruturar a educação e se desenvolver o trabalho docente vem mudando de acordo com os avanços tecnológicos. Incluso nesse processo evolutivo científico e tecnológico, os reflexos são facilmente notados em sala de aula. Gestores e professores relativizam os desafios que se apresentam diariamente nas escolas devem ser solucionados também com recursos como as tecnologias da informação e comunicação. A sensação provocada por essas tecnologias, deixa em evidência o quanto elas são cultuadas, pois tem mostrado resultados significativos no processo de ensino-aprendizagem e nas partes ausentes entre a prática escolar e a prática social de professores e alunos (BARRETO, 2002).

As tecnologias estão cada vez mais presentes em todos os setores de atividades e conseguir fazer uso delas em prol da educação é um desafio na maioria das vezes para os docentes, tratando-se de uma mudança de paradigma educacional em frente a uma realidade tecnológica. Num cenário com diversas possibilidades tecnológicas a favor da educação, a qualidade destes recursos de aprendizagem, das situações e ambientes criados a partir deles, é que se nota o quanto são essenciais na afirmação do processo de aprendizagem, no processo de envolvimento e na capacidade de interação dos discentes. Existem um grande número de recurso tecnológicos a favor da educação, porém o mau uso, a falta de instrução e ou formação, faz com que o recurso acabe por desestimular, confundir ou dispersar a atenção dos alunos. Escolher o recurso exato ou construir um recurso tecnológico que venha de encontro a necessidade do discente, passa a ser um desafio constante para o todos os envolvidos na educação da geração que utiliza e depende geralmente de todos tipos de tecnologia.

Segundo Ramal (2002), dispomos de três cenários educacionais, dentro da tecnologia. O primeiro cenário é o da tecnocracia domesticadora: uma variedade de informações divididas e de curto prazo, traz indivíduos escravizados e dependentes da tecnologia. A escola é por fim substituída por outra possibilidade de instrução. O segundo cenário possível é o pay-per-learn, que aumenta a exclusão e dão prioridade a docentes com mais habilidade técnica do que a habilidade crítica de produção ou do uso das Tecnologias da informação e comunicação - TICs. Existe uma educação para todos, e docentes privilegiados utilizam escolas melhores equipadas. No terceiro cenário é a cibereducação integradora e a escola se forma híbrida, fazendo a integração entre homem e tecnologia. O homem é educado sendo crítico e transformador do meio em que vive, tendo em vista fatores que promovam seu lado humano, num processo identificado como tecnologias da liberdade. Os três cenários supracitados existem neste momento histórico. Porém ainda não é sabido se no embate do poder econômico e social, o terceiro cenário, mais do que um desejo, poderá ser possibilidade.

Os desafios são inúmeros, mas é notório que para utilizar os aparatos tecnológicos como eficazes ferramentas pedagógicas é imprescindível incorporar as tecnologias contemporâneas no cotidiano da escola de tal forma que ocorra a união entre a teoria e prática em uma única ferramenta, essa ação pode aumentar as possibilidades pedagógicas e proporcionar o aumento de atividades cognitivas, afetivas, intelectuais, culturais e sociais. (EVANGELISTA, 2011).

2.5 O USO DE MEIOS TECNOLÓGICOS NA ARTE EDUCAÇÃO

No mundo contemporâneo, jovens e crianças já estão inseridos numa cultura de tecnologia, onde o *smartphone* e a internet são bastante comuns. Esses jovens são denominados “nativos digitais”, (PRENSKY, 2001), pois sua forma de aprendizagem e conhecimento se deve grande parte a rapidez com quem acessa informações, as diferentes formas de conexão e a grande quantidade de caminhos a serem percorridos por tais recursos.

Por isso: A cada dia, mais os professores se deparam, em suas salas de aula, com alunos que convivem diariamente com as tecnologias digitais. Estes alunos têm contato com jogos complexos, navegam pela internet, participam de comunidades, compartilham informações, enfim, estão completamente conectados com o mundo digital. (JORDÃO, 2009, p. 10).

A tecnologia sempre serviu como um meio para criações e apresentações de arte, mesmo que surtisse polêmica e opiniões contrárias com relação a estética. Conforme Giannetti (2006), o uso da fotografia no século XIX, já deixava evidenciado para os artistas da época que “as novas tecnologias de geração e reprodução de imagem podiam ser - e seriam - ferramentas consideráveis para a arte, desde que fosse possível conceber uma linguagem criativa específica” (p.13). Nesse mesmo período já formava-se uma crítica especializada para a arte que se utilizava de aparatos tecnológicos. Segundo Machado (2007), diz que o artista impressionista Edgar Degas, usou amplamente a fotografia para gerar modelos de referência para suas obras. “Não apenas para estudar o comportamento da luz, que ele traduzia em técnica impressionista, mas também para suas esculturas, ao congelar corpos em movimentos...”(p. 9). Os manifestos do futurismo, em pleno início do século XX também anunciavam a associação da arte com a tecnologia, com rapidez e ritmo do seu tempo.

Uma grande parte dos discentes já conhece os fascínios produzidos pela tecnologia. Os jogos eletrônicos trazem luzes, sons e cores que alimentam a construção de um mundo paralelo ao real. A facilidade com que se constrói esses aparatos tecnológicos pode auxiliar o processo de ensino aprendizagem inserindo novos conceitos da Arte, em um terreno mediado pela matemática, eletrônica, física e informática, onde ambos fazem uma mediação na imagética da contemporaneidade.

Segundo Pimentel (1999), o arte-educador não deve interpretar o currículo apenas como limite, mas como oportunidade de reflexão. “pensar criticamente as relações entre o que está sendo prescrito para ensinar e o que se deve ensinar e tomar decisões sobre o quê e como ensinar” (PIMENTEL, 1999, p. 49).

Para Bertolotti (2010), um início didático para a utilização de tecnologias digitais e sua inserção nas propostas de ensino em artes, pode ser ligar as tecnologias digitais em forma de linguagem, ferramenta e pesquisa, ao eixo norteador do processo de ensino aprendizagem em arte: fazer, ler e contextualizar. Dessa forma, atrair alunos é tão importante quanto, motivar e inserir professores nas novas metodologias de aprendizagem, ensino e produção do conhecimento. (MARINHO, s/p., 2011). Então, a escola se torna local importante para desenvolvimento de currículos e projetos pedagógicos em que as TICs, também se constituam como recursos e essas novas formas de ensinar e aprender. (JORDÃO, 2009). Para que se tenha bons resultados, é necessária a mudança de postura e paradigmas tradicionais. O docente deve se adaptar com relação a forma de ensinar adequada aos seus discentes, de modo que utilize os recursos tecnológicos a favor da educação, melhorando seu acervo e integrando as tecnologias ao processo de ensino aprendizagem, sabendo que os jovens da atualidade aprendem diferente do que se aprendia no passado. (OLIVEIRA, 2013, apud JORDÃO, 2009)

2.6 O ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA NO ENSINO MÉDIO E SEUS DESAFIOS

O ensino de arte nas escolas brasileiras nos modelos que possui hoje é relativamente novo, sendo criada em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB e passou por modificações até sua última atualização em 1996, foi consolidada posteriormente com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN em 1998, que institui o currículo escolar de cada disciplina dividida por séries. (BRASIL, 1998)

Para o ensino de arte no Brasil é de indispensável importância a influência do trabalho da pesquisadora e arte-educadora Ana Mae Barbosa, que desenvolveu a abordagem triangular, que é citada nos PCN (BRASIL, 1998) como proposta de abordagem em sala de aula para teoria e prática em artes.

A proposta triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isso e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o

denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino de arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade. (BARBOSA, 1998, p.41)

A abordagem triangular proposta por Barbosa consistem em três momentos no processo de ensino e aprendizagem, Contextualização histórica, é o primeiro contato o contexto social em que o movimento se desenvolveu. O segundo momento é a leitura, ou apreciação, da obra de arte e é o momento em que os alunos refletem sobre os elementos visuais presentes na obra e criam ligações emocionais, além de perceberem a temática discutida. O último momento é do fazer artístico, onde a parte manual é trabalhada e estimulada.

No Brasil, cada estado tendo estabelecido uma necessidade de acordo com o seu perfil socioeconômico e cultural, desenvolve-se com auxílio de especialistas da área de educação, um Plano Estadual de Educação baseado também na LDB (BRASIL, 1996) e na PCN (BRASIL, 1998), de modo que possa atender a necessidade de cada estado. Tomando como base o Plano Estadual de Educação desenvolvido pela Secretaria de Educação do Governo do Estado de Pernambuco no ano de 2013 (PERNAMBUCO, 2013), verifica-se que o ensino da arte contemporânea tem início no terceiro ano do ensino médio, isto é, fica considerado com esta medida que a abordagem nesta altura não é fruto da cronologia do movimento na história da arte, mas sim fruto da necessidade de conhecimento prévio de assuntos que cerceiam e refletem diretamente na arte contemporânea. Este fator juntamente aos métodos utilizados pelo docente, resultam num melhor aproveitamento do estudante.

As várias possibilidades de interpretação de uma obra de arte contemporânea, associados ao imediatismo, valores culturais de cada indivíduo e o pouco interesse pela disciplina de artes, faz com que se torne um grande desafio ensinar artes no ensino médio. Deve-se levar em conta também que a faixa etária na maioria das vezes apresenta um quadro de inquietude, insegurança e vícios na aprendizagem. O docente deve estar munido de uma estratégia que contemple de forma eficiente todos os alunos, de modo que todos os seus questionamentos possam ter uma resposta na maioria das vezes satisfatória e íntegra. Isso porque as obras de arte contemporânea trazem consigo não somente o óbvio, o visível e o esperado, mas muitas vezes o questionamento, a quebra de regras comuns e a diversidade e os questionamentos por sua vez podem trazer a tona perguntas que envolvam polêmicas e necessárias para a formação do aluno e da sociedade pós-contemporânea.

A abordagem nesta fase da educação do indivíduo muitas vezes é feita de forma incorreta pelo docente. Para que haja um melhor rendimento, é muito importante que no ensino médio, primeiro provoque-se ou incentive-se sempre a leitura da obra para que o discente crie ou possa construir com base na suas experiências, uma linha de raciocínio semelhante a do artista na obra. O estudante deve observar a obra primeiramente sem interferências maiores, para que não crie a impressão de que seja um modelo a ser seguido mas sim uma representação e sendo assim ele possa ganhar repertório para analisar as obras que estejam por vir tanto em sala de aula quanto no seu cotidiano, construindo um elo com a arte. Isso é criar uma situação de aprendizagem, para que o aluno se desenvolva e crie confiança para adentrar nas possibilidades da arte contemporânea. Os estudantes devem ter experiências estéticas e não só praticar a cultura mas sentir-se parte dela.

O professor precisa olhar arte, pensar sobre arte, estudar arte. O professor tem, sim, que cuidar do seu repertório. O repertório do professor é uma das importantes qualificações dele. É ponto de partida. Um dos papéis do ensino de arte na escola é que os estudantes se reconheçam como parte de uma cultura, que eles atuem na cultura. Para isso, o professor sempre pode garantir uma boa dose de situações de aprendizagem por experiências estéticas, possibilitando um maior grau de autoria aos alunos. (LIMA,2013).

O professor da disciplina de artes deve ter consciência de que seu papel de mediador de conhecimento requer estar preparado tanto para questionamentos quanto para as respostas inesperadas dos alunos, e ter em si um repertório construído não somente com frutos da academia mas também das experiências artísticas. Seu repertório também deve ser sempre revisto e ampliado, pois esta é uma das principais qualificações de um professor para exercer tal função na sociedade. Com isso, o ensino da arte contemporânea pode proporcionar ao professor diversas oportunidades e descobertas que o farão refletir o quanto é importante seu papel e sua existência no mundo trabalhando sua capacidade de absorção e ampliando seus limites como educador e ser humano.

2.7 OTIMIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS

Os dispositivos móveis são uma realidade na vida cotidiana. Em pouco tempo de seu surgimento, os celulares e posteriormente os tablets, passaram por grandes avanços em suas

tecnologias. O celular, pensado nos primórdios para a função de chamadas móveis, hoje possui interface intuitiva, interativa e funções variadas com o auxílio dos aplicativos e da internet. Com o passar do tempo as grandes fabricantes aprimoraram e tornaram o seu uso cada vez mais intuitivo, dispensando instrução específica ou conhecimento avançado para o seu manuseio.

Nas escolas o uso de dispositivos móveis pode ser visto de duas maneiras: como auxílio ou como empecilho para o andamento das aulas. A classificação vai variar dependendo da postura que o professor tomar diante dos recursos disponíveis em sala. Pelo fato de utilizar a internet e ter vários aplicativos, os dispositivos móveis podem deixar os alunos dispersos em sala e se tornarem vilões no processo de aprendizagem. Uma possibilidade que pode tornar o dispositivo um auxiliar do processo é torná-lo ferramenta deste processo surge na inserção do mesmo no plano de aula.

Estima-se que, hoje, existem mais de 80 mil aplicativos educacionais. Muitos deles gratuitos, o que fomenta ainda mais seu uso pelos professores em sala de aula, mas motivando também os alunos a explorá-los fora das escolas. Fascinados pelas novas tecnologias, os jovens aprendizes se rendem inconscientemente aos estudos, aprofundando-se nos temas abordados pela escola e até compartilhando conhecimento com os colegas de classe. Sem perceber, esses alunos acabam aprendendo de maneira intuitiva, inconscientemente. (PARIS, 2017)

Para os professores que escolhem utilizar os dispositivos móveis ao seu favor encontram uma variedade de funções que podem ser integradas a suas aulas ou que podem facilitar o entendimento do assunto ou deixar as aulas mais dinâmicas e conseqüentemente compartilháveis por parte dos alunos. Para as aulas de artes os professores dispõem de diversos aplicativos e ferramentas, desde os que possuem catálogos de obras de arte como o *Google Arts & Culture*¹, que permite aos usuários o contato com obras espalhadas pelo mundo, até aplicativos onde os alunos podem criar suas próprias obras, ou seja, podem dar continuidade ao uso do dispositivo porém auxiliando o seu processo de aprendizagem em sala de aula. Outro aplicativo bastante difundido entre os jovens é o *Youtube*². Nele, é possível assistir a vídeo aulas e uma diversidade de conteúdos educacionais que podem lhe auxiliar no processo

¹ Aplicativo para dispositivos móveis do grupo Google LLC.

² Aplicativo para dispositivos móveis do grupo Google LLC.

de aprendizado. Neste mesmo aplicativo, é possível criar vídeos e publicar na rede para que possam se expressar artisticamente ou não, e desse modo promover a criticidade e a criatividade artística do discente.

2.8 DESAFIOS DA INSERÇÃO DE MEIOS TECNOLÓGICOS NA ARTE EDUCAÇÃO

A busca por desenvolver senso crítico e senso estético, expressão e criatividade nos discentes, não encontra espaço na realidade de muitos docentes que não estão devidamente qualificados para lidar com as novas tecnologias e pela falta de estrutura de muitas escolas e por fim de uma concepção clara e objetiva do que seja essa prática.

Para ensinar artes, é preciso ter uma segurança na fundamentação filosófica, psicológica e estética, para que não haja uma simples prática técnica desligada de qualquer outro sentido, com o intuito de apenas de demonstrar que ensinou sem se preocupar se o discente de fato assimilou o assunto. A instrução tem uma grande importância no desenvolvimento do discente. Gardner (1973, p. 269), diz que é indispensável a presença dessa disciplina, da aprendizagem e do exercício para o ser humano, pois com isso e por consequência se criam condições favoráveis ao trabalho da pesquisa na educação.

Nas escolas vem ocorrendo a desvalorização da arte, onde este momento é tido como um momento sem regras e de repouso de outras disciplinas consideradas sérias e como momento de ornamentar a escola para datas comemorativas, conforme está no PCN (BRASIL,1998). Há docentes que impedem o desenvolvimento dos discentes impondo técnicas e com isso desestimulando o aluno a desenvolver seu próprio estilo e visão.

É notável na educação contemporânea, a pregnância da pedagogia tradicionalista que, conforme Ferraz e Fusari (2010), tem como intuito “manter a divisão social existente na sociedade”. É o ensino que se baseia na repetição, na mecanização, na imitação e no reprodutivismo, e que se alia a um saber sem questionamentos e sem conexão com o mundo artístico e que os alunos são considerados tábuas rasas pelos professores. Segundo Rossi (2009, p.41), tal modelo de educação, é uma educação que transita de fora pra dentro e de cima para baixo, e que desconsidera o alcance da experiência do discente.

Podemos perceber que o uso de dispositivos móveis como ferramentas de ensino da arte contemporânea em sala de aula, aliados a uma prática docente responsável e que respeite o aluno, pode enriquecer o processo de ensino aprendizagem na arte. E que o docente deve

buscar aprimoramento com as novas Tecnologias da informação e comunicação, a fim de ampliar seus horizontes em relação às ferramentas de apoio e por consequência, oferecer uma experiência fértil para o desenvolvimento dos estudantes.

Segundo Vazquez (apud Peixoto, 1978, p.37), “a arte só é conhecimento na medida em que é criação”. Com isso, não é possível aprender sem criar, e também não inibir ou estereotipar a capacidade de criação do discente, mas sempre valorizar sua expressão e a considerar como sua imagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi escolhido o método de entrevista com cinco professores de artes do ensino médio, sendo quatro da rede pública e um da rede privada da região metropolitana do Recife – RMR. E há enfoque maior na compreensão do professor de Arte de um modo geral, pois através dessa visão é possível compreender como ocorre o ensino de arte contemporânea no ensino médio e como a tecnologia está inclusa na sua rotina. Portanto pode-se dizer que se trata de uma pesquisa exploratória e qualitativa, pois não cabe quantificar as informações obtidas através destas entrevistas, mas sim observar e compreender o atual cenário e desenvolver estratégias para o uso da tecnologia para auxiliar no processo de ensino aprendizagem.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória e qualitativa, pois através da entrevista semi-estruturada tem o objetivo de analisar os perfis dos professores, com o intuito de compreender analisar o seu desenvolvimento enquanto docente para ter aparato suficiente para desenvolver estratégias voltadas a um processo de ensino aprendizagem mais eficaz.

3.2 ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Para a elaboração do roteiro de entrevistas semi-estruturada aos professores, baseia-se nas leituras temáticas e nas fundamentações teóricas juntamente as experiências e vivências com arte-educação, arte contemporânea e das tecnologias, e só então a partir disso foi possível elaborar perguntas que obtivessem respostas objetivas e que quando isso não fosse possível, houvesse a possibilidade de reformulação de pergunta ou pedido de justificativa para que a resposta atendesse a necessidade da pergunta realizada.

Dentre as temáticas abordadas no roteiro, foram abordadas informações referentes à formação acadêmica, localização geográfica e estrutura da escola em que trabalham, uso de dispositivos tecnológicos na docência, relação com a arte contemporânea tanto dos discentes quanto dos docentes, dentre outras perguntas. A pergunta relativa à formação acadêmica se dá devido a inserção de professores de outras disciplinas para lecionar Artes, e como é sabido a didática desses docentes é desenvolvida com base nas necessidades de outras disciplinas, o que acarreta problemas no processo de ensino-aprendizagem. Com relação ao questionamento

do uso de dispositivos móveis, sabe-se que as gerações anteriores são mais relutantes do que as gerações atuais com relação ao uso destes dispositivos, e que essa possibilidade pode atrapalhar desde o processo de pesquisa para montagem de material didático e até mesmo no processo de compreensão dos discentes.

É importante deixar claro que estas perguntas são uma a uma de extrema importância, pois através delas é possível compreender os perfis dos docentes, discentes e das escolas em que trabalham, para aí sim identificar problemas e através de reflexões, apontar possíveis soluções. O roteiro de entrevista resultante, consta no Apêndice A deste trabalho.

3.3 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Para melhor assimilação dos dados relatados neste trabalho e por respeito aos entrevistados assim como as entidades de ensino, foram adotados pseudônimos para cada professor e também não foi relatado o nome das Escolas, mas sim sua área dentro da Região Metropolitana do Recife, conforme mostra a tabela abaixo.

Docente	Gênero	Formação	Local de trabalho na RMR	Entidade
Profª Rafaela	Feminino	Artes	Zona Norte	Privada
Profª Silvânia	Feminino	Letras	Zona Norte	Pública
Profª Nádia	Feminino	Artes	Zona Sul	Pública
Profª Rosa	Feminino	Artes	Zona Sul	Pública
Prof. Carlos	Masculino	Artes	Zona Norte	Pública

3.4 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

No mês de julho do corrente ano, elaborou-se um roteiro a fim de abordar temas ligados aos professores de Arte. Como a rotina dos professores é bastante variada, as entrevistas foram realizadas por telefone nos horários de intervalo de suas aulas em variados turnos e gravadas com a devida autorização verbal dos mesmos durante o processo.

Os professores foram orientados previamente sobre o intuito da pesquisa e concordaram em participar, sem constrangimentos e cientes de que não seriam identificados e nem seus respectivos locais de trabalho.

A entrevista seguiu um padrão de perguntas pré estabelecido conforme consta no Apêndice A deste trabalho, porém havendo a necessidade, foi realizado pedido de justificativa e logo justificado pelo entrevistado.

3.5 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

Os procedimentos utilizados após a aplicação e gravação consentida da entrevista semi-estruturada com os professores, foi a de ouvir os arquivos de áudio para realizar a análise e interpretação das informações obtidas nas mesmas, pára com isso fazer uma triagem das informações mais relevantes e logo após, ouvir mais vezes a fim de obter respostas bastante objetivas destes arquivos de áudio e identificar principalmente semelhanças e diferenças que fossem relevantes entre os docentes. Feito isso, dividiram-se estas informações em tópicos de acordo com cada pergunta realizada, para que de forma organizada pudesse se efetuar a análise e perfilamento destes docentes.

Com esta série de procedimentos, foi possível identificar os perfis de docentes de Arte, os perfis organizacionais e estruturais das escolas em que eles trabalham e dos discentes. Com o conhecimento destes pontos, foi possível gerar um cenário, conhecer seus problemas e identificar se os dispositivos móveis podem realmente auxiliar o docente nesse processo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo deste capítulo é colocar em análise as informações coletadas dos professores de arte durante as entrevistas, alinhadas ao objetivo da pesquisa que é de refletir sobre a utilização desses dispositivos móveis para potencializar o processo de ensino de arte contemporânea no ensino médio.

4.1 PERFIL DOCENTE E SUAS RELAÇÕES COM A ARTE CONTEMPORÂNEA

Tratou-se primeiramente sobre a formação do professor, pois sabe-se que com a precarização do ensino de artes nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, houve precarização do ensino de Artes com a falta de profissionais formados devidamente na área e isso fez com que professores de outras disciplinas trabalhassem como arte-educadores, embora não tivessem o conhecimento necessário para trabalhar com tal disciplina. Apenas a professora Silvânia tem formação em Licenciatura em Letras, mas está atualmente trabalhando como Professora de Artes. Os demais professores são respectivamente formados em Licenciatura em Artes.

Dentre os perfis presentes nesta pesquisa com os docentes de Arte, foi identificado que apenas a professora Rafaela trabalha na rede particular de ensino, enquanto os outros quatro docentes trabalham na rede pública de ensino. Em análise a este fato, deve ser levado em conta, associado a outros questionamentos como: estrutura física da escola e socioeconômica do público para gerar maiores comparações e por consequência as justificativas e possíveis soluções, pois é sabido que as escolas públicas sempre tem estrutura mais limitada devido aos problemas financeiros que há tempos assolam as escolas públicas brasileiras. Isso gera uma diferença negativa em relação ao processo de ensino aprendizagem.

Todos os docentes entrevistados afirmam utilizar vídeo aulas e sites de pesquisa e consulta com materiais de Arte para formular as aulas aos seus discentes. Os professores com mais idade e experiência, geralmente optam por recursos mais tradicionais, como livros e produções acadêmicas, enquanto os professores mais jovens optam pelos sites de pesquisas, vídeos e aplicativos específicos. Mas isso não impede que ocorra o contrário e nem é uma regra fixa, tendo em vista a necessidade de cada grupo de discentes que esses professores venham a trabalhar. Cabe ao professor com o seu repertório de conhecimento, avaliar a melhor metodologia de pesquisa para atender a demanda de um determinado grupo de

estudantes. Este processo fica terminantemente ligado o que diz o Professor Oliveira (2013) quando cita o Professor Jordão (2009) sobre a necessidade do docente se adaptar a necessidade de aprendizado do discente.

Com os dados coletados nas entrevistas com os professores, foi possível notar que embora não disponham de estrutura tecnológica nas escolas, os mesmos conseguem utilizar a tecnologia para realizar suas pesquisas e produzir seus materiais didáticos para utilizar em sala de aula, fazendo com que o resultado da falta de estrutura das escolas não penalize tanto o aprendizado dos estudantes. Não se observou falta de vontade, preparo ou capacitação por parte dos entrevistados, muito pelo contrário, se mostram dispostos as novidades tecnológicas voltadas ao ensino, porém dentro de suas limitações financeiras e adaptadas às realidades estruturais das instituições de ensino.

As poucas instituições que possuem suporte tecnológico a disposição de alunos e professores têm um bom desempenho e uma boa compreensão sobre a arte contemporânea, embora ainda se identifique preconceito e estranhamento com relação ao ensino e consumo desta forma de arte por parte dos estudantes.

Partindo da leitura e do estudo de todo o referencial teórico juntamente aos dados das entrevistas, é possível afirmar que o Brasil passa por mais um processo de mudança na educação e que a mudança surge num momento em que a produção artística contemporânea causa muito estranhamento em toda a sociedade. Esse estranhamento ao mesmo tempo que faz questionar, também tem necessidade de novas formas de abordagem sobre o tema em salas de aula. O uso de dispositivos tecnológicos não é a palavra final, mas um meio para as experiências exitosas nesse processo de ensino de arte contemporânea, tendo em vista a intimidade que o jovem do ensino médio tem ao lidar com estas ferramentas por serem conforme Prensky (2001), os nativos digitais.

Com isso os dispositivos móveis devem ser utilizadas de forma equilibrada com os recursos tradicionais, pois há atividades manuais que não podem ser substituídas como: teatro, dança, escultura e desenho, e é sabido que estas são atividades necessárias e importantes ao desenvolvimento do ser humano. O professor deve desempenhar seu papel nesse processo sabendo equilibrar o uso desta ferramenta e propondo uma relação dialógica, construtiva, ativa e dinâmica, conforme a abordagem triangular da Professora Ana Mae Barbosa.

Quando é solicitada uma autoavaliação sobre o conhecimento da Arte contemporânea ao docente, pode-se dizer que algumas respostas trazem consigo uma série de lacunas que ainda não são fechadas devido a conceitos errados da sociedade em geral. Segundo a professora Nádia, os próprios estudantes preferem a arte moderna e se familiariza muito pouco com a arte contemporânea e esse processo se deve porque a sociedade não consome essa forma de arte por preferir algo mais ligado ao real e ao socialmente aceitável.

A professora Rafaela repete a sentença da Professora Nádia e adiciona que os professores de artes que propõem este assunto em sala de aula nem sempre são compreendidos, mesmo que estejam na condição de artista contemporâneo também.

Segundo a Professora Silvânia, ela não ensina arte contemporânea pois considera uma arte pouco interessante para os adolescentes e que por esse motivo prefere tratar apenas sobre manifestações culturais e folclóricas brasileiras, pois já domina muito bem o assunto e prefere proporcionar algo que ela considere mais próximo dos estudantes.

Analisando a resposta dada pela professora Silvânia, pode-se notar um certo preconceito, pois a Arte Contemporânea por fugir do tradicionalismo, chama a atenção dos jovens do ensino médio também. A dificuldade em tratar de questionamentos complexos abordados na maioria das vezes pelo artista contemporâneo pode ser um fator que não motive a docente a tratar de assuntos fora dos tradicionais.

A arte contemporânea propõem sempre questionamentos múltiplos, sobre conceitos e deveres da arte como instrumento de representação, entretenimento e expressão. O preconceito da sociedade de certo modo reforça a insegurança do docente em trabalhar com este tipo de arte em sala de aula e por isso os próprios docentes têm o receio de não dominar completamente o assunto, e por este motivo optam por oferecer este assunto de forma superficial em sala de aula, resultando num processo prejudicial que reforça preconceitos.

Com relação ao conhecimento de seus alunos sobre a arte contemporânea, os Professores Carlos, Rose, Silvânia e Nádia consideram que seus alunos têm um conhecimento razoável e acreditam que em geral o estudante de ensino médio não assimila muito bem a arte contemporânea. Para a professora Rafaela, que considera o desempenho de seus alunos muito fraco, a arte contemporânea se torna de difícil assimilação primeiramente devido ao receio do professor em trabalhá-la em sala de aula e depois pelos preconceitos da sociedade. Segundo

ela, é necessário aplicar a abordagem triangular com o apoio de recursos tecnológicos como vídeos e imagens projetadas na sala para que o processo seja concluído com êxito. Ainda assim, é necessário ter bastante respeito a cultura do estudante e compreender suas limitações, porém ajudando-o a evoluir.

Conforme é dito pelos Professores Carlos, Rose, Silvânia e Nádia, esse conhecimento razoável sobre arte contemporânea é um reflexo muito forte da falta de estímulo e aceitação por parte da sociedade com relação a compreensão e ao consumo da arte contemporânea. E que o uso de ferramentas que ampliem o potencial desses docentes, auxiliaria bastante a assimilação e compreensão desses discentes.

4.2 TECNOLOGIA APLICADA À ARTE-EDUCAÇÃO

O questionamento feito sobre a utilização de equipamentos tecnológicos na preparação de suas aulas de artes, abordou de certo modo sobre a afinidade do docente com a tecnologia digital de um modo geral. A Professora Nádia confirmou que utiliza raramente este recurso pois já dispõe de um planejamento que adapta de acordo com a necessidade dos discentes. A Professora Rafaela afirma que utiliza às vezes, pois nem sempre dispõe de ferramentas na escola particular em que trabalha e que por esse motivo, ela tem que utilizar um celular, embora a gestão da entidade de ensino não a incentive ao uso do mesmo para que não cause dispersão. Os outros 3 professores utilizam frequentemente materiais disponibilizados na internet para desenvolver suas aulas.

O caso da Professora Rafaela expõe um formato de escola que não oferece ferramentas e que não colabora para o uso da ferramenta do próprio docente, e com isso condena o processo de ensino aprendizagem ao tradicionalismo, repetição e reprodução, onde o discente terá que se limitar apenas ao livro e não poderá buscar outra referência fora desse limite. Esse processo, segundo a docente, não estimula o professor e muito menos o aluno que fica condenado as limitações da escola. Os demais professores entrevistados, utilizam frequentemente as ferramentas tecnológicas no planejamento de suas aulas.

Quanto ao conhecimento das tecnologias associada às aulas, todos os docentes se consideraram bons. Os Professores Carlos e Rosa afirmaram que embora dominem e utilizem tecnologia em suas aulas, têm consciência de que todos os dias surgem programas, dispositivos e aplicativos novos e que essa busca se torna infinita, impossibilitando-os de estar

sempre atualizados, e que por esse motivo não podem afirmar que conhecem todas as inovações tecnológicas para utilizá-las. Essa resposta reforça o quanto eles estão conscientes dos avanços tecnológicos e que se esforçam para se manter atualizados para melhor desempenhar as suas funções.

As Professoras Rafaela, Nádia e Silvânia afirmam que não se consideram totalmente conhecedoras do uso desses recursos, e exceto a Professora Rafaela, utilizam de forma efetiva o que está no alcance delas a fim de melhorar o processo de ensino aprendizagem em sala de aula em suas disciplinas.

O questionamento feito sobre o uso de ferramentas tecnológicas durante as aulas de arte, tende a saber se os docentes dispõem de recursos tecnológicos para exercer suas atividades em sala de aula. Embora 3 dos 5 professores utilizem frequentemente estas ferramentas, apenas a professora Silvânia tem ferramentas próprias, já que a escola onde trabalha não dispõe de ferramentas para todos os docentes e o laboratório de informática é apenas uma sala vazia. As professoras Nádia e Rose informaram que preferem utilizar frequentemente, mas as limitações estruturais das escolas em que trabalham não permitem. Existe um agendamento para uso de projetor na escola da professora Rose, porém tanto os projetores quanto os tablets disponibilizados são bastante concorridos pela equipe docente e por isso não é possível contemplar a todos, causando deficiências no processo de ensino-aprendizagem, já que não é possível saber qual aula será contemplada com os aparatos tecnológicos. Neste ponto da entrevista é possível notar no discurso dos docentes o quanto a falta de recursos e investimentos na escola os aflige e os preocupa, pois todos se mostram cientes da necessidade que a disciplina tem com relação ao uso dessas ferramentas e o quanto isso custa para o discente no fim do processo. Os professores têm ciência do quanto os recursos tecnológicos que estão ausentes em seus locais de trabalho auxiliam o processo de ensino-aprendizagem, pois como já foi tratado em capítulos anteriores deste trabalho, os aparatos tecnológicos são uma eficazes ferramentas pedagógicas, conforme o autor Evangelista (2011).

A professora Rafaela apesar de trabalhar em escola privada também sente o peso dessa falta de investimento. Segundo ela, a direção informa que a inadimplência dos pais dos estudantes, faz com que a escola seja forçada a não investir na sua própria estrutura e que por isso não consegue atingir suas metas pedagógicas ou até mesmo pagar os funcionários.

Com essas respostas, nota-se o quanto a gestão de recursos é um problema na educação, e o quanto se perde por não saber direcionar verba ao que é prioridade, isolando a sociedade de uma educação digna de sua existência. Esse problema não se isola apenas à rede pública, atingindo também a rede particular, precarizando um sistema privado de ensino que tradicionalmente é visto como perfeito pela sociedade em geral, conforme a fala da Professora Rafaela.

Ao serem questionados se já utilizavam ou utilizariam aplicativos para dispositivos móveis específicos para o ensino das artes, a resposta foi totalmente positiva. Todos os professores são usuários assíduos de smartphones e já dominam a dinâmica dos aplicativos não só voltados a educação como as demais áreas. A Professora Nádia se diz entusiasta com relação a essa possibilidade, mas teme que o processo de utilização de aplicativos em dispositivos móveis pudesse desencadear muita dispersão em sala de aula, devido à possibilidade de uso de redes sociais e mensageiros no momento da aula. Mas aponta que uma provável solução seria um trabalho pedagógico de conscientização do uso dos dispositivos móveis dentro e fora da sala de aula, para que os estudantes não sejam vítimas do excesso de uso desses materiais.

Apenas a professoras Nádia e Rafaela conheciam o Google Artes e Cultura, porém o que as impede de utilizar em sala de aula é a internet, que no caso da professora Rafaela, a gestão da escola não permite o uso de dispositivos móveis na escola. O caso da Professora Rafaela demonstra vestígios de uma educação tradicionalista e preconceituosa que ainda dificulta a evolução do ensino de arte. O fato é mais agravante ainda por se tratar de uma instituição de ensino, que deve prezar pela constante avaliação de suas metodologias de modo a disponibilizar as melhores ferramentas de ensino aos docentes e discentes.

De acordo com as respostas obtidas, a proposta de uso dessas ferramentas é muito bem aceita pelos professores e obteve confirmação por parte de todos, sendo apontada como uma ferramenta que potencializaria o processo de ensino-aprendizagem. O uso pode ser dosado a medida em que os alunos se familiarizam com o aplicativo, de modo que não haja dispersão por parte dos discentes e que otimize ainda mais o processo de ensino aprendizagem em sala de aula, ainda mais por se tratar de uma disciplina que tem um apelo visual muito mais forte que as demais disciplinas. Essa seria uma solução apontada pela Professora

Rafaela, a ser tomada para solucionar o caso da dispersão dos estudantes diante das redes sociais e mensageiros presentes nos dispositivos.

Segundo o Professor Carlos, falta desenvolver mais aplicativos voltados a arte educação e divulgá-los para que os docentes possam ter conhecimento e buscar utilizá-los desde a elaboração até a execução das aulas. Porém, conforme já foi abordado em capítulos anteriores deste trabalho, já existem cerca de 80 mil aplicativos educacionais. Com isso, abre-se a possibilidade de uma possível falta de divulgação desses aplicativos, conforme a autora Paris (2017). E também tem a possibilidade de demonstrar a necessidade de uma ferramenta que possa dinamizar o ofício do docente de arte em sala de aula e fazer com que não haja limitações de interação do discente com a Arte, buscando auxílio aos dispositivos móveis como chave para abrir novas possibilidades em sala de aula.

4.3 ESTRUTURA E METODOLOGIA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO

Conforme respostas sobre a presença de laboratórios de informática em operação nas escolas, apenas duas instituições de ensino não o dispõem. A professora Silvânia, informa que o laboratório não tem notebooks ou desktops e que por isso fica vazio, e que os alunos quando precisam de computadores, utilizam seus próprios smartphones para consultas e pesquisas. Os alunos que não tem acesso à rede através do smartphone, não conseguem ter o mesmo desempenho dos demais. Para a professora Nádia, não existe laboratório por questão estrutural, pois todas as salas da escola servem como salas de aula e não há sala dedicada a qualquer outra funcionalidade na escola. Na escola privada em que a professora Rafaela trabalha, também não há laboratório de informática, pois segundo ela a escola apesar de ser privada não dispõe de espaço físico para comportar um laboratório e que não há computadores para os professores e sendo assim cada professor deve trazer seu próprio computador caso queira utilizá-lo.

Os Professores Carlos e Rose dispõem de laboratório de informática em bom estado de conservação e funcionamento dentro da entidade. Neles, os alunos podem realizar consultas, pesquisas, digitação de trabalhos e outras demandas.

Mais uma vez fica bastante claro o quanto a falta de planejamento financeiro impede os professores de artes em cumprir com o seu papel, sabendo que esta disciplina em específico requer particularidades que exigem o uso dessas ferramentas para otimizar o

processo de ensino, mais de que em qualquer outra disciplina. Pois como já vimos em capítulos anteriores deste trabalho, a disciplina de artes é bastante importante pois faz com que formem-se cidadãos mais conscientes de sua história e mais críticos.

Com relação à disponibilidade de internet sem fio para docentes e discentes, apenas os Professores Carlos e Rose dispõem nas escolas em que trabalham. As escolas que dispõem de laboratório de informática utilizam internet sem fio com acesso diferenciado para professores e alunos, e devido a isso demonstram preocupação com a segurança de seu público na internet e com o uso consciente da mesma para que não haja dispersão com redes sociais ou mau uso, segundo o Professor Carlos. As professoras Rafaela, Nádia e Silvânia não tem internet sem fio nas escolas em que trabalham.

Não disponibilizar uma ferramenta tão poderosa quanto a internet em uma escola é tão grave quanto não disponibilizar livros, pois sem uma base tão fortalecedora que sustente o conhecimento, não se constrói saberes essenciais ao ser humano. A internet leva informações e conhecimentos que são indispensáveis aos professores e estudantes, pois através destes saberes é que se tem argumentações, provocações, dúvidas e mais fatores essenciais a formação do ser humano. O uso das tecnologias no ensino de artes pode ampliar as possibilidades pedagógicas e propiciar a exploração de atividades cognitivas, afetivas, intelectuais, culturais e sociais (Evangelista, 2011).

Verifica-se que a tecnologia é algo muito comum e na maioria das vezes essencial para a rotina do discente, porém com a ausência desse serviço cresce ainda mais o fator desmotivação. Os professores lidam com alunos de uma geração tecnológica, sem nem sequer poder projetar o conteúdo em sala de aula.

O total de professores entrevistados confirmaram problemas estruturais com relação ao uso de ferramentas tecnológicas digitais em suas aulas de artes, e isso desmonta uma impressão generalizada da sociedade de que as escolas privadas também não sofrem de problemas deste tipo, pois a única escola privada tratada nesta pesquisa não tem sequer um computador para uso dos professores.

Este tipo de problema mostra que os professores buscam habilitação para poder utilizar as ferramentas normalmente, porém as ferramentas não estão presentes na escola para

serem utilizadas, sejam por falta de recursos por parte da gestão destas entidade ou seja por questões de falta de manutenção e cuidados preventivos.

Nenhum dos Docentes entrevistados apontaram problemas metodológicos ou pedagógicos, deixando claro que são ativos com relação às suas práticas pedagógicas e que não temem o uso de tecnologias seja na sua prática pedagógica ou fora dela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão deste trabalho, cumpriram-se os objetivos estabelecidos inicialmente, partindo da leitura e contextualização do referencial teórico, associado às informações coletadas nas entrevistas com os professores de Artes e junto a análise das mesmas para compreender e analisar esse perfil tão importante.

Os relevantes relatos desses docentes demonstram que o uso desses dispositivos móveis atrelados a aplicativos específicos podem de fato potencializar muito o processo de ensino de arte contemporânea aos estudantes do ensino médio, independente de preconceitos tratados por ou pouco contato e interesse por esta forma de arte, abordando sobre a conscientização de um uso saudável desses dispositivos com os discentes para evitar dispersão durante o processo, atrelando ao uso da abordagem triangular, sem deixar que o dispositivo móvel seja o protagonista do processo, mas sim um elo catalisador.

Durante a execução da pesquisa, houve a necessidade de mudança do suporte de pesquisa que deixou de ser um formulário com questões de múltipla escolha para ser uma entrevista semi-estruturada com um número menor de docentes de arte, devido a falta de alcance de um número considerável de docentes disponíveis para participar da pesquisa. A mudança foi de fato positiva e muito importante, pois a possibilidade de pedir justificativas para as respostas e de questionar os docentes sobre temas paralelos as respostas obtidas, permite respostas mais objetivas e relevantes, algo que de fato não seria possível com o formulário de respostas pré- estabelecidas designado inicialmente.

Neste trabalho houve espaço para que se tratasse de mais aplicativos específicos para arte-educadores além dos apresentados, porém levando em conta as dificuldades estruturais e financeiras das escolas em que os Docentes entrevistados trabalham, se tornou mais relevante abordar os aplicativos gratuitos e que pudessem funcionar sem conexão à internet como os citados no trabalho. Esse fato abre a possibilidade de mais pesquisas relativas a estes outros aplicativos em outras locais com realidades estruturais e organizacionais diferentes ou não.

Contudo, no cenário atual, fica clara a importância de se repensar em metodologia na arte-educação se tratando de arte contemporânea principalmente, sabendo o quanto os discentes do ensino médio têm dificuldades em compreender esta forma de arte e facilidade de interagir com as novas tecnologias. O docente deve se adaptar a forma como o discente aprende, neste caso a tecnologia deve ser associada à educação, o que torna os dispositivos

móveis grandes aliados desse processo e demonstrando que eles não simbolizam o fim, mas sim o meio do processo e devem ser estimulados de forma aliada a abordagem triangular da Professora Ana Mae Barbosa nas salas de aula para que o processo de ensino-aprendizagem de arte seja multicultural, dialogal, interacional e construtivista e que tanto a atual quanto às próximas gerações venham a usufruir de um processo mais evoluído e rico que o atual.

REFERÊNCIAS

- ARCHEN, Michel. **Arte Contemporânea: Uma História Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São paulo, 6.ed. Perspectiva,2009.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Estud. av., São Paulo , v. 3, n. 7, p. 170-182, Dec. 1989 . Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2ma8s5e>>. Acesso em: 22 Junho 2019.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARRETO, R.G. **Tecnologias nas salas de aula**. In: LEITE, M.; FILÉ, W. (Org.). Subjetividades, tecnologias e escolas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BERTOLETTI, Andréa. **Tecnologias digitais e o ensino da arte: algumas reflexões**. V Ciclo de Investigações do PPGAV – UDESC, 2010. Disponível ldbem:<<https://tinyurl.com/y55bpvqz>>, Acesso em 22 de maio de 2019.
- BRASIL - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 5692/71, de 11 de agosto de 1971. D.O.U. de 12 de agosto de 1971.
- BRASIL - **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.
- BRASIL - **Parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da Educação. Brasília: 1998.
- COHN, Greice. **O ensino da arte contemporânea possibilitando mudança nos modos de percepção da arte**. Anais 2009, nº 18, set 2009. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y4v3cw43>>, Acesso em: 11 de abril de 2019.
- EVANGELISTA, Carolinne da Silva. **O Ensino da Arte através do Computador: Uma Proposta de Prática Pedagógica para o Ensino Fundamental**. V Colóquio Internacional: “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão- SE/Brasil, p. 1-16, Setembro de 2011.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens – o itinerário de Lukács**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- GARDNER, H. **The Arts and the Human Development**. New York: A Wiley-interscience publication, John Wiley & sons, 1973.
- HAUSER, Arnold. **História social da Arte e Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- JORDÃO, Tereza Cristina. **A formação do professor para a educação em um mundo digital**. IN: BRASIL, Ministério da Educação. Saldo para o futuro. Tecnologias digitais na educação. Ano XIX. Boletim 19. Nov.-Dez./2009.
- LIMA, Márcia Cirne. **Transposições didáticas da arte: desafios e soluções**. In: Arte na Escola, 2013. (<https://tinyurl.com/y5v8edpp>) Acesso em: 30 de maio de 2019.
- LOYOLA, Geraldo Freire. **Me adiciona.com Ensino de Arte+Tecnologias Contemporâneas+Escola Pública**, Minas Gerais: UFMG. 2009.

MARINHO, Francisco Carlos de Carvalho. **Arte, web e educação**. Entrevista para a Revistapontocom, por Marcia Stein. 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y5f4joly>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998. Disponível em:<<https://tinyurl.com/y6kcpjdq>>. Acesso em: 18 de maio de 2019.

MIGNONE, Francisco. **Educação é cultura**. MEC/FENAME. Editora Bloch. Vol 3, 1980.

OLIVEIRA, Erika Patricia Teixeira. **arte.com: reflexões sobre o ensino de artes visuais e a utilização das tecnologias contemporâneas**. Trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Arte e educação. Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. 2013.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, história e ensino: uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2002.

PARIS, Francisca Romana Giacometti. **Liguem seus celulares, a aula vai começar**. In: Revista Linha Direta, 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y6k54uj5>>, Acesso em: 03 de agosto de 2018.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e Grande Público: a distância a ser extinta**. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

PENNA, M. A. **Orientação geral para a área de arte e sua viabilidade**. In : É este o ensino de arte que queremos? Uma análise das propostas dos parâmetros curriculares nacionais. João Pessoa: Editora universitária,CCHLA/PPGE, 2001, p. 31-55.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria de Educação. **Plano estadual de educação**. Recife, 2013.

PESSI, Maria C. A. dos Santos. **Aos professores de arte: o que fundamenta nossas ações?** In: Série Caderno de Arte-Educação. Florianópolis: DAC UFSC, 1994.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Limites em expansão: licenciatura em artes visuais**. Belo Horizonte: editora C/Arte, 1999.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. Traduzido por Roberta de Moraes Jesus de Souza MCB University Press, 2001. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y6nsquog>>. Acesso em: 27 de junho de 2019.

RAMAL, A.C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SILVA, Bruna Grauth. **Ensino de artes e a história da arte na educação**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y5so8csg>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

SILVA, Elizangela Aparecida da et al. **Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo**. Pedagogia em Ação, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 95-104, fev. 2013. ISSN 2175-7003. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxfqc4o8>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a Arte e a Docência: a Formação Do Artista de Dança**. Papirus Editora, 2006.

SUBTIL, Maria José Dozza. **Reflexões sobre ensino de arte: recortes históricos sobre políticas e concepções.** In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 41, p.241-254, mar 2011.

APÊNDICE A

- 1 - Qual sua área de formação?
- 2 - Trabalha na rede pública ou privada?
- 3 - Você utiliza equipamentos tecnológicos para preparar suas aulas de arte?
- 4 - Como você avalia o seu nível de conhecimento quanto ao uso das tecnologias associado às suas aulas?
- 5 - Com qual frequência você utiliza equipamentos tecnológicos (computador, projetor e internet) durante as aulas de Arte na escola?
- 6 - Existe laboratório de informática em funcionamento na sua escola?
- 7 - Existe conexão à internet sem fio para os alunos e professores em sua escola?
- 8 - Você sente dificuldade estrutural, metodológica ou pedagógica em utilizar o computador ou outros recursos tecnológicos digitais durante as suas aulas de arte?
- 9 - Você utiliza ou utilizaria aplicativos de dispositivos móveis (Smartphones ou Tablets) voltados para o ensino de Arte juntamente aos recursos da internet para o ensino de Arte na atualidade?
- 10 - Você acha que o uso de aplicativos voltados ao ensino de arte, potencializaria o processo de ensino-aprendizagem de sua aula?
- 11 - Como você avalia o seu desempenho em sala de aula quando o assunto é arte contemporânea?
- 12 - Como você avalia o desempenho dos seus alunos quando o assunto da aula é arte contemporânea?
- 13 - Qual(is) recurso(s) você já utilizou ou utiliza para construção de seu material didático no ensino de artes.